

## PREÇOS MÍNIMOS PARA A SAFRA DE 1971/72

Instituto de Economia Agrícola

### 1 — ASPECTO GERAL

O ano agrícola de 1970/71 que se iniciara sob os melhores auspícios, acabou por se traduzir em resultados que não permitem classificar o período como acima do normal.

Isto, em grande parte ou quase totalmente, por vicissitudes inerentes à atividade agrícola.

Com efeito, o início foi muito auspicioso, com chuvas abundantes que antecipadamente começaram a cair logo ao fim de agosto, penetrando longamente por setembro. Isto em muito facilitou os trabalhos de preparo da terra além de injetar extraordinário ânimo nos lavradores. Acompanhando o precoce início das chuvas, a semeadura de muitos cultivos foi também realizada com certa antecipação.

Sobreveio a "virada" do tem-

po. Em outubro, as chuvas já foram escassas e novembro, período importantíssimo para o desenvolvimento vegetativo de muitas plantas, praticamente não acusou precipitações, pois as mesmas, além de insuficientes, foram esparsas e incidiram em locais restritos. Esta estiagem foi acompanhada por temperaturas elevadíssimas dando como resultado, entre outros, grandes prejuízos às safras de amendoim e feijão "das águas".

A estiagem de novembro não foi entretanto a pior, já que o solo ainda mantinha certo teor de umidade e principalmente porque várias explorações como arroz e o milho ainda permitiam o plantio e consequentemente o replantio, que foram aliás numerosos.

Após um dezembro mais ou menos normal e que muito contribuiu para o restabelecimento do "deficit" hídrico, veio o

mais grave com a estiagem de janeiro que se prolongou por boa parte de fevereiro. O chamado "verânico de janeiro" foi um dos mais fortes de que temos notícia.

Pouquíssimas chuvas caíram em um ou outro lugar (chuvas de manga) e quase sempre em volume insuficiente, permanecendo o restante do estado sob sol fulgente e temperaturas de exceção.

Muitas lavouras ficaram por quarenta ou mais dias sem chuvas. Os prejuízos foram elevados. Não só o arroz, sem dúvida o que mais sofreu, mas o milho, a soja e o próprio algodão, acusaram a inclemência do tempo. Isto para não falar nas pastagens e nas culturas permanentes ou semi-permanentes, como aquelas da laranja e da cana respectivamente. Efeitos secundários mas importantes foram também ocasionados pela estiagem, cabendo dentre eles, registrar a falta de trabalho provocada no meio rural.

Por fim as chuvas se reiniciaram por volta de meados de fevereiro para não mais faltar e até adentraram em demasia no corrente ano.

Ainda que o transcurso do tempo se tenha constituído na

principal causa que definiu o ano agrícola de 1970/71, há outros fatos que merecem registro pela influência exercida. Dentre eles cabe citar :

- a) A constatação em fins de janeiro da presença da ferrugem nos cafezais de São Paulo, deitando por terra as tímidas mas ardentes esperanças de que o temível mal não tivesse ainda penetrado em terras paulistas ;
- b) A prolongada apatia na comercialização da safra cafeeira, ocasionando verdadeira crise na economia desse produto e generalizada falta de dinheiro no interior ;
- c) O agravamento da falta de numerário acima mencionado e a conseqüente redução dos negócios no interior em decorrência, ao que se alega, da influência dos negócios com papéis nas bolsas de valores.

A presença desses e de outros fatores de menor importância é que justifica a ilação de ter sido apenas normal o ano de 1970/71, não obstante ter ele se iniciado sob os melhores auspícios e não ser de todo mau o balanço dos seus resultados.

No referente aos resultados, quase todos ainda sujeitos a retificações posteriores, cabe destacar:

- a) A área plantada com as 16 principais explorações foi cerca de 3,3% superior a do ano precedente (1969/70) atingindo 5,9 milhões de hectares. Dentre essas explorações, 9 acusaram aumento de plantio e as 7 restantes, reduções;
- b) o rendimento unitário de 4 culturas foi melhor neste ano, enquanto para as 12 restantes houve declínio em relação ao período precedente;
- c) o valor bruto da produção em termos de valor constante da moeda foi 18% maior que em 1960/70. Esse ganho entretanto foi devido em grande parte ao café, para o qual, 1970/71 foi "ano de safra". Fazendo-se abstração desse produto, o ganho reduz-se para 6%. A preços de 1970, o valor dos 21 principais produtos agro-pecuários do Estado ascende aproximadamente a 5,6 bilhões de cruzeiros em 1970/71, tendo sido de 5,25 em 1969/70;

- d) a utilização de insumos importantes como o de fertilizantes, tratores e rações animais aumentou substancialmente.

Quanto às perspectivas para o plantio do próximo ano agrícola, talvez se possa dizer, na falta de trabalho específico e com tôdas as ressalvas que o assunto comporta, que deverá êle ser normal, naturalmente oferecendo grandes variações para diversos produtos quando considerados isoladamente. Do ponto de vista global, não se observa tendência para grandes expansões nem tampouco, desânimo generalizado. Há alguns indícios, como o crescimento das importações de adubos e da venda de tratores que levam a acreditar em certa expansão da área de plantio. Todavia, como São Paulo exerce as funções de centro distribuidor de adubos e máquinas agrícolas para uma região bem maior que suas fronteiras, o mais acertado talvez seja contar-se com um leve aumento da área a ser plantada.

#### 1.1 — Critérios

Por várias razões já apontadas em trabalhos da mesma natureza e finalidades, elaborados em anos anteriores, considera-se que o critério básico que de-

va presidir o estabelecimento dos níveis de preços mínimos seja a continuação daquele que vem sendo sugerido, ou seja, o de procurar assegurar em valores reais as bases anteriores, procedendo-se aos reajustes de acôrdo com as exigências específicas da economia de cada produto e neste sentido dando destaque, quando fôr o caso, a evitar demasiada distância entre o preço de garantia e o provável preço de mercado.

Adotada essa posição, impõe-se de pronto um cálculo estimativo da taxa de desvalorização da moeda para o período que aproximadamente medeia agôsto de 1971 a agôsto de 1972. Na falta de melhores informações e fazendo presente tôdas as ressalvas que uma estimativa dessa natureza comporta, vamos adotar uma desvalorização de 18%, levando sobretudo em conta que o fato de que é bem mais difícil baixar-se o índice inflacionário quando o mesmo já foi reduzido violentamente e se encontra em níveis não muito acentuados para as condições do País.

Tendo também em conta que o reajuste cambial vem mantendo certa defasagem em relação à taxa de inflação, adotar-se-á uma correção de 10% na taxa do dólar para os próximos

8 meses, época em que deve ocorrer o grosso das vendas externas da próxima colheita.

Com êsses parâmetros e considerações expostas passa-se à análise sumária da situação de cada produto a ser contemplado pela garantia de preços mínimos, buscando restringir-se aos aspectos mais relevantes em que se acham envolvidas suas respectivas economias. Evidentemente e desde que haja elementos informativos, será contemplada a situação nas regiões vizinhas, já que pouco sentido faz a delimitação de fronteiras estaduais na economia dessas explorações.

Finalmente e à guisa de lembrança considera-se, face à diversidade da incidência do ICM ora existente e que varia não só de Estado para Estado como também segundo os produtos, que o mais prático seria o estabelecimento de bases de preços mínimos não relacionados com êsse tributo. Melhor esclarecendo, naqueles Estados em que não houvesse incidência do ICM, a base adotada representaria o preço livre ao produtor, enquanto nos outros, haveria a necessidade de proceder-se à dedução correspondente.

O ideal seria naturalmente, que o preço mínimo de garan-

tia representasse sempre a quantia líquida que o produtor poderia receber. Mas presentes circunstâncias entretanto, as implicações duma tal tentativa seriam tantas, que em nosso entender o melhor será seguir a norma acima.

## 2 — ALGODÃO

### 2.1 — Situação Mundial

A partir da safra 1966/67, a posição estatística do algodão entrou em processo de reversão acentuada. Dum excesso da produção sobre o consumo que provocava um crescer contínuo dos estoques, os quais, atingiram em 1.º de agosto de 1966 o nível "record" de mais de 30 milhões de fardos, passou-se para um período de nítido "deficit" de produção. Em quatro dos últimos 5 anos o volume produzido ficou aquém das necessidades de consumo, provocando uma continuada e substancial redução dos estoques mundiais. Em consequência, prevê-se que a 1/8/1971 os ditos estoques deverão ser da ordem de 18,6 milhões de fardos, equivalentes apenas a pouco mais de 4 meses de consumo mundial, sendo unanimemente reconhecido que o estoque mínimo que assegure tranquilidade aos negócios, deva corresponder a 6 meses dêsse consumo.

Agravando essa posição dos estoques está o fato de serem as reservas norte-americanas, que na realidade constituem o substrato do comércio mundial do produto, estimados para 1.º de agosto próximo em não mais que 4,5 milhões de fardos, dos quais cerca de 2,5 apenas estarão nas mãos da C.C.C. É êsse, o menor dos estoques dos últimos 19 anos.

Além de serem muito reduzidas as reservas globais, há ainda que ter-se em conta a inexistência, em termos práticos, de fibras de determinadas características, para usos específicos.

Do lado da produção, a safra de 1970/71 apesar de alcançar maior área de plantio acabou, por uma série de contratempos, por ser inferior ao consumo em cerca de 2,8 milhões de fardos.

Ante tal situação, foi geral a opinião dos participantes à 30.ª Reunião Plenária do Comitê Consultivo Internacional do Algodão (14 a 23/6 último) de que a safra de 1971/72 necessita ser maior que a de 1970/71, em pelo menos 3,0 milhões de fardos, a fim de restituir certa tranquilidade aos negócios mundiais de algodão.

Já existem, entretanto, alguns indícios de que a safra 1971/72

não alcançará o objetivo acima mencionado. Assim, nos E.E.U.U., que modificaram sua política algodoeira para os próximos 3 anos, visando o aumento da produção, a intenção de plantio manifestada pelos lavradores daquele país em março último, consigna uma área apenas 1% superior à passada; na Rússia, notícias de muito mau tempo autorizam a ilação de que dificilmente será repetida a safra "record" obtida naquele país em 1970/71.

Além desses fatos, o desenvolvimento dos plantios já efetuados nas regiões produtoras do hemisfério Norte em nada asseguram a "cobertura" do já citado "deficit". As esperanças repousam assim, naquelas regiões do hemisfério Sul que ainda não semearam, como é o caso do Sul do Brasil.

Em resumo, as perspectivas

para o próximo plantio no Sul do País são as melhores possíveis. Podemos ampliar à vontade nossa semeadura, com a certeza, tanto quanto o permitem as previsões de mercado, de exportarmos todo o excesso sobre o consumo interno aos preços atuais, com fortes probabilidades ainda de que estes se elevem algo mais.

Quanto à safra seguinte i. é 1972/73, embora as perspectivas ainda continuem boas, não é possível eliminar os riscos dum "virada" do mercado, já que são numerosos os países que adotaram declaradamente a política de expansão do plantio. Isto significa que, em condições normais de tempo, a produção num ano, superar o consumo.

No quadro seguinte, um resumo da situação mundial do produto.

QUADRO 1. — Situação Mundial do Algodão em Milhões de Fardos de 217 kg (478 libras)

Safra Item	1967/68	1968/69	1969/70	1970/71 Preliminar	1971/72 (1)
1 — Estoques em 1.º de Agosto EE. UU.	12,5	6,5	6,5	5,8	4,5
Países nitidamente exportadores	4,7	5,3	6,8	6,7	5,6
Países nitidamente importadores	6,3	6,9	6,4	6,1	5,6
Sub-Total	23,5	18,7	19,7	18,6	15,7
Países socialistas	3,7	3,4	3,2	3,0	2,9
<b>Total Mundial</b>	27,2	22,1	22,9	21,6	18,6
2 — Produção EE. UU.	7,2	11,0	10,0	10,2	10,8
Outros países	24,0	26,5	25,8	23,6	25,0
Sub-Total	31,2	37,5	35,8	33,8	35,8
Países socialistas	16,5	16,1	16,0	17,7	17,5
<b>Total Mundial</b>	47,7	53,6	51,8	51,5	53,3
3 — Suprimento mundial	74,9	75,7	74,7	73,1	71,9
4 — Consumo EE. UU.	9,0	8,2	8,0	8,0	8,0
Outros países	25,8	26,7	27,4	27,8	28,2
Sub-Total	34,8	34,9	35,4	35,8	36,2
Países socialistas	17,9	18,0	18,1	18,4	18,6
<b>Total Mundial</b>	52,7	52,9	53,5	54,2	54,8
Destruidos por fogo etc.	0,4	0,2	0,1	0,1	0,1
5 — Desaparecimento mundial	53,1	53,1	53,6	54,3	54,9

(1) Prognóstico calculado nos escassos e insuficientes dados ora disponíveis.

Fonte: Cotton — Monthly Review of the World Situation ICAC — May/June 1971.

## 2.2 — Situação Interna

Apesar de sua reconhecida resistência à seca, o algodão foi uma das culturas prejudicadas pelas estiagens havidas neste ano agrícola. Ademais, as chuvas precoces induziram muitos lavradores a semear, também com certa antecipação, o que talvez tenha influído nos percalços porque atravessou a cultura, cabendo ainda registrar incidência de granizo acima do normal, quer em número ou intensidade.

Como certa compensação aos azares do tempo, registre-se, que a partir de meados de fevereiro do corrente, não só não tem havido falta de chuvas como as mesmas estão adentrando o ano de forma inusitada, e que vem provocando em muitas lavouras o aparecimento do raro fenomeno duma segunda safra, a chamada "safrinha" ou "safra dos ponteiros". Ao que parece, isto irá influir nos rendimentos unitários que talvez resultem superiores aos resultados apenas regulares obtidos em 1969/70, compensando os prejuízos que o excesso de umidade acarreta aos tipos e às qualidades intrínsecas da fibra.

Os dados ainda incompletos e referentes à safra de 1970/71,

indicam que a redução de 14% na área de plantio não será compensada por igual ganho nos rendimentos unitários, os quais, deverão ser apenas cerca de 4% melhores que os do ano anterior. Será necessário levar ainda em conta os menores rendimentos, que neste ano estão sendo obtidos no benefício do algodão. Muito provavelmente, o volume final da presente safra deverá ser 10% inferior à de 1969/70 em algodão em caroço e talvez (devido ao menor rendimento no benefício) 13% menor em volume de algodão em rama, o que resultaria em 225.000 toneladas nesta última forma.

Computando-se o algodão em caroço proveniente de outros Estados, deverão ser classificados em S. Paulo, cerca de 260.000 toneladas.

Em suma, a safra algodoeira paulista de 1970/71 pode ser classificada como um pouco abaixo do normal mas longe de desastrosa.

Quanto à safra paranaense, parece não ser exagêro classificá-la de bem má, pois de acôrdo com as informações preliminares de que se dispõe, teria ela não só acusado uma redução de mais de 25% na área semeada, com nenhuma melhoria

nos rendimentos unitários, que foram até 3% inferiores aos baixos índices obtidos em 1969/70 (925 kg/ha ou 149 arrôbas por alqueire).

A frustração da safra paranaense e em menor escala a de S. Paulo, conjugada com o grande desastre que a seca do Nordeste produziu na safra daquela região, fêz com que diminuíssem pesadamente as disponibilidades exportáveis da região Sul para 1971. Isso, a despeito da maior contribuição de

outras regiões produtoras e vizinhas a S. Paulo, como o Triângulo Mineiro e notadamente o Sul de Goiás, onde a cotonicultura se acha em franca expansão. Não obstante inconteste essa expansão, são escassas as informações relativas à produção dessas zonas, nas quais, também se inclui o Sul de Mato Grosso. Tendo em conta o que vem de ser dito, seria a seguinte a produção de algodão da região Sul do País nos últimos anos.

QUADRO 2. — Produção de Algodão no Sul do País em Mil Toneladas de Algodão em Rama

Safra	S. Paulo	Paraná	Minas, Goiás e Mato Grosso	Total	Índice
1967/68	192	204	25	421	100
1968/69	266	234	42	542	129
1969/70(1)	260	190	43	493	117
1970/71(2)	225	123(3)	47	395	94

(1) Dados não definitivos.

(2) De acordo com estimativas não finais.

(3) Incluindo o algodão em caroço enviado para São Paulo.

Com a produção do quadro 2, indicada em 1970/71 e tendo em conta os reflexos no consumo interno do algodão sulino pela escassez dos algodões do Nordeste, estima-se que as disponibilidades exportáveis pelo

Sul do País no corrente ano, são da ordem de 190.000 toneladas, o que significaria uma queda de aproximadamente 30% em relação às 266.000 vendidas em 70 e quase 50% das 359.000 exportadas no ano "record" de 1969.

### 2.3 — Perspectivas para o Próximo Plantio

Na ausência de trabalho específico sobre o intento dos cotonicultores para o próximo plantio e tendo-se ainda em conta ser ainda cedo para estimativas razoáveis neste assunto, principalmente neste ano em que a comercialização da safra se encontra muito atrasada, o que se pode é intentar prognósticos subjetivos, auxiliados pelos poucos indícios existentes.

Tal prognóstico, com tôdas as ressalvas que êle comporta, seria o seguinte:

- a) Em S. Paulo, a tendência parece indicar uma área de plantio igual à passada. Enquanto algumas regiões como a Alta Noroeste e Araraquarense talvez aumentem um pouco, é quase certo contar-se com redução na Alta Sorocabana (região de Presidente Prudente);

Caso haja maiores dificuldades no suprimento de sementes resistentes à "marcha", a redução de área na Sorocabana não será compensada pelo aumento que se está admitindo para outras regiões;

- b) No Paraná, onde o prognóstico para a safra passada foi fácil, neste ano êle parece mais complexo. Dum lado é preciso ter em conta o espetaculoso avanço da soja e a recuperação dos cafèzais.

O principal fator depressivo, entretanto, é o fato de ser esta a terceira e consecutiva safra malograda do Paraná e das quais, é esta a pior delas. Por outro lado porém, há que se considerar o fato de se ter reduzido em muito a superfície de plantio da presente safra (queda de mais de 25%) tornando-se mais difícil novas reduções.

No balanço julga-se, caso não ocorra fortes geadas no café, que a tendência será para nova retração da superfície cultivada, a qual deverá situar-se entre 10 e 15%;

- c) Nas outras três zonas produtoras e vizinhas a S. Paulo, é certo contar-se com expansão em seu todo. O aumento deverá ser bastante pronunciado no Sul de Goiás (onde a área dobraria), um pouco menor no Triângulo Mineiro e pequeno Mato Grosso.

## 2.4 — Critérios

Tão distante ficou o preço mínimo de garantia (aproximadamente Cr\$ 10,50 por arrôba, considerando a média das regiões produtoras) do preço de mercado na atual safra (até aqui pode ser estimado em Cr\$ 14,32), que aquêle preço não serve como base para a aplicação de nenhum dos critérios quantitativos que foram citados nas diretrizes gerais dêste trabalho. Com efeito, não teria sentido aplicar sôbre os Cr\$ 10,50 os 18% previstos para a desvalorização da moeda, pois isso iria resultar no ridículo nível de Cr\$ 12,49.

Em trabalhos anteriores, já foi dito que as bases de preços mínimos, embora mantendo margem razoável com o preço de mercado a fim de possibilitar os negócios normais, não devem dêle se afastar em demasia.

Isso não só para não cair no vácuo, desprestigiando a sua própria instituição, como ainda para evitar manobras depressivas de preços, possíveis em mercados imperfeitos, com poucos compradores.

Por outro lado, como já se procurou demonstrar, são magníficas as perspectivas que se

oferecem para a próxima safra do Sul do País.

Impõe-se por conseguinte, uma maior aproximação entre o preço de garantia e o preço de mercado que deverá vigorar para o produto da próxima safra.

Nêsse sentido, considera-se que o preço médio recebido pelos produtores na atual safra poderá constituir-se no preço de garantia para a próxima, ficando à margem com o futuro preço de mercado assegurada pelos reajustes na taxa cambial, além das prováveis elevações nos preços internacionais do produto.

Por ora e tendo em conta o atraso na comercialização da safra, não se dispõe de dados que permitam uma avaliação exata daquele preço médio recebido pelos lavradores.

A d o t a n d o-se, entretanto, uma razoável margem de segurança chega-se ao nível de Cr\$ 14,23 que poderá ser elevado, para Cr\$ 15,00, levando em conta que a base de garantia refere-se ao tipo "5" ou "regular" e que o tipo modal da safra é inferior ao "5".

A título de ilustração, apresenta-se a seguir um cálculo

(que é sempre aproximativo) mercado internacional e o preço do algodão em caroço no interior do Estado.

QUADRO 3. — Correspondência entre Preços de Exportação e Preços Interno de Algodão. Partindo-se do Preço de 28,25 Centavos de Dólar por Libra FOB Santos, com Taxa Diferenciada de Dólar, 1971

Item	Cr\$ por Dólar	
	5,25 <sup>(1)</sup>	5,78 <sup>(2)</sup>
	Cr\$ por kg	
1 — Valor FOB Santos	48,94	53,88
2 — Despesa Total	16,07	16,59
2.1 — Despesa entre São Paulo e FOB Santos:		
2.1.1 — Fixas (5,03%)	2,46	2,71
2.1.2 — PIS (Programa de Integração Social) (0,25%)	0,12	0,13
2.1.3 — Fixas até FOB Santos	1,85	1,85
	0,22	0,25
2.2 — Deságio entre tipos 5 e 5/6 (metade)	0,75	0,75
2.4 — Frete interior a São Paulo	1,20	1,20
2.5 — Seguro e transferência de fundos (0,75%)	0,32	0,36
2.6 — Juros (45 dias a 1,5% ao mês)	0,98	1,08
2.7 — ICM sobre caroço(16,5%)	1,56	1,56
2.8 — Quebra de pêso no caroço (0,5%)	0,09	0,09
2.9 — PIS sobre caroço (0,25%)	0,05	0,05
2.10 — Benefício	5,50	5,50
2.11 — Funrural (2%)	0,97	1,06
3 — Diferença entre 1 e 2	32,87	37,29
4 — Venda de 27 kg de caroço a Cr\$ 5,25 por 15kg	9,45	9,45
5 — Valor de 44 kg de algodão em caroço no interior	42,32	46,74
6 — Valor de 15 kg no interior	14,42	15,93

(1) Junho 1971.

(2) Abril/Maio de 1973.

QUADRO 4. — Evolução do Algodão no Estado de São Paulo

Período	Área plantada 1.000 ha	Produção 1.000 arrôbas em carôço	Rendimento agrícola kg/ha	Preço médio recebido pelos lavradores		Índice geral de preço no Brasil (1) (b)	a/b x 100
				Preço corrente Cr\$/15 kg	Índices (a)		
1948-52	1.094	40.929	560	0,08	100	100	100
1953-57	729	36.717	760	0,13	162	217	75
1958-52	528	35.421	1.010	0,43	538	678	79
1960	498	35.180	910	0,39	488	585	83
1961	569	34.673				802	92
1962	678	47.513	1.050	0,74	925	1.216	76
1963	605	39.827	990	1,20	1.500	2.132	70
1964	508	39.813	1.170	2,50	3.125	4.060	77
1965	653	34.800	800	3,77	4.712	6.369	74
1966	477	46.607	1.470	4,27	5.338	8.783	61
1967	290	27.240	1.410	5,20	6.500	11.276	58
1968	339	36.507	1.610	6,95	8.688	14.006	62
1969	448	48.527	1.620	8,12	10.150	16.915	60
1970	702	49.500	1.060	9,70	12.125	20.364	59
1971(3)	605(2)	49.000(2)	1.210	14,23	17.788	24.625	72

(1) Índice "2" Nacional da Conjuntura Econômica.

(2) 4.ª previsão de safra (março 1971).

(3) Dados Preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

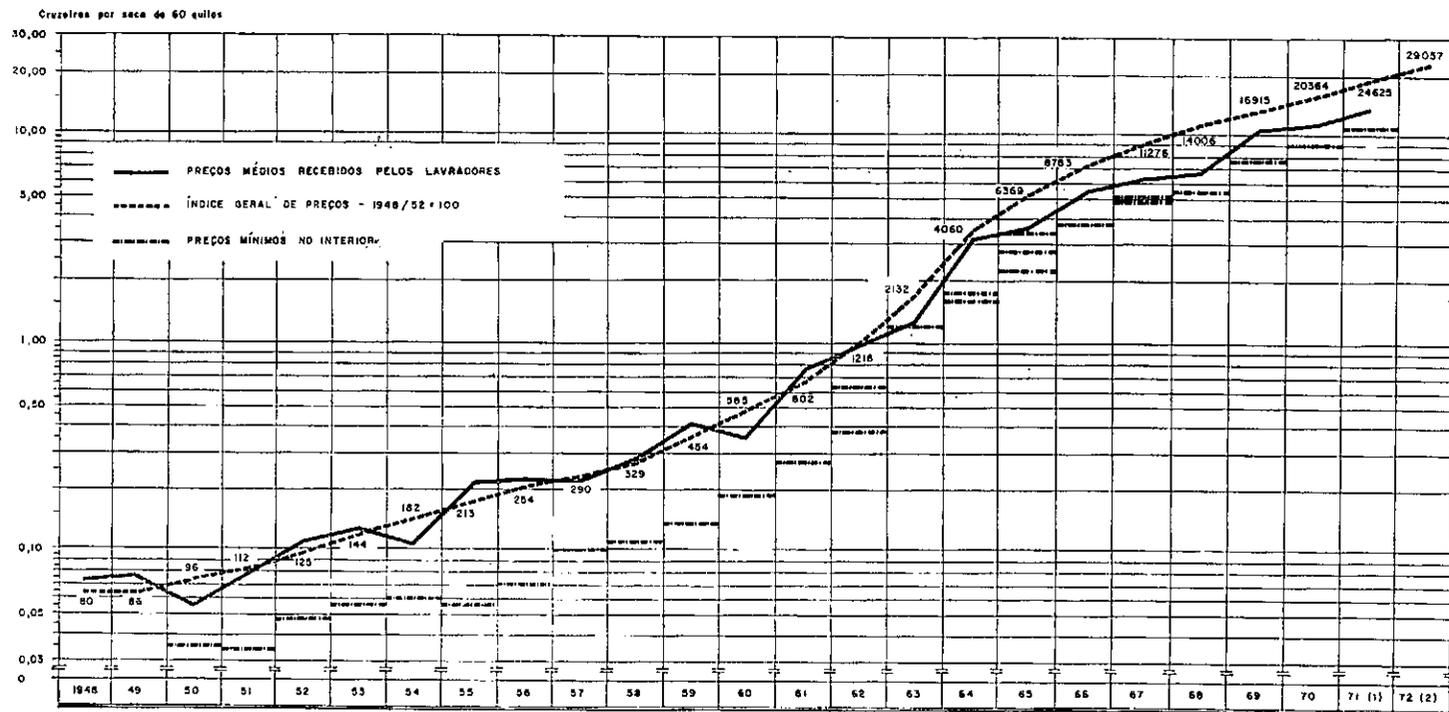


FIGURA 1. — Evolução dos Preços do Algodão em Caroço no Estado de São Paulo, 1948-72.

### 3 — AMENDOIM

Ainda que não possam ser classificados como desastrosas, as duas colheitas de amendoim (das águas e da sêca) da safra 1970/71 em São Paulo foram más. A primeira, atingida pela estiagem de novembro do ano passado, apresentou um rendimento por unidade de área aproximadamente 21% inferior à colheita correspondente do ano precedente. Por sua vez a colheita "da sêca" apanhou muita chuva e fortes ondas frias mas, de qualquer forma, ofereceu uma produtividade 18% superior à péssima colheita da sêca de 1969/70.

As duas juntas cobriram uma área superior em 24% àsquelas de 1969/70 com um rendimento unitário inferior em aproximadamente 18%. O aumento da superfície de plantio foi assim, o grande responsável pela segunda mais volumosa safra de amendoim já obtida em São Paulo.

Em rápida síntese foram estas as principais características do desenvolvimento da cultura do amendoim em 1970/71, exploração que após atravessar um período de acentuados progressos entrou numa fase de verdadeira estagnação tecnológica e em certo sentido, também econômica.

Importa assinalar, que êsse marasmo está curiosamente coincidindo com ampla abertura do mercado externo para esta importante oleaginosa. Há alguns anos atrás, nossas exportações restringiam-se ao amendoim "in natura" (com ou sem casca) e à torta. Presentemente, fazemos nossa presença nos mercados externos também com o óleo bruto, além de termos aumentado bastante as vendas dos primeiros. Assim o produto, já de importância considerável, vai ganhando relêvo em significado econômico, ao mesmo tempo que perde junto ao interesse dos agricultores, seja pelo avanço da soja e a recuperação do algodão, seja pelas incertezas que nos últimos anos vem apresentando sua produção.

#### 3.1 — Perspectivas para o Próximo Plantio

A vista dos preços relativamente bons, que vêm sendo obtidos pelos produtores neste ano, é possível que o próximo plantio da "safra das águas" se mantenha nos mesmos níveis da semeadura correspondente registrada em 1970/71.

Isso entretanto parece ser o máximo que se pode esperar, pois aquela safra de 1969/70 e

uma das que maior extensão cobriu em São Paulo. Há que se considerar ainda a presença de explorações competitivas como o algodão e o milho.

### 3.2 — Critérios

Via de regra, o amendoim tem sido beneficiado com preços de garantia relativamente bons. Este ano no entanto, constituiu-se, em exceção, pois os Cr\$ 10,00 (média aproximada dos preços para as duas regiões em que foi dividido o Estado) por saco de 25 kg em casca ficou muito abaixo do preço de mercado. A atualiza-

ção dêsse preço pelo índice de inflação admitido (18%) resultaria na base de Cr\$ 11,80, evidentemente muito distanciado do preço médio dêste ano que deverá oscilar em torno de Cr\$ 14,50.

Propõe-se assim que o preço de Cr\$ 14,00 por saco de 25 quilos em casca, do tipo "3", classe graúda ou miúda e livre ao produtor, seja tomado como base do preço de garantia para o próximo ano. A discriminação por zona, em torno dessa base, ficaria a critério do órgão responsável.

QUADRO 5. — Evolução do Amendoim no Estado de São Paulo

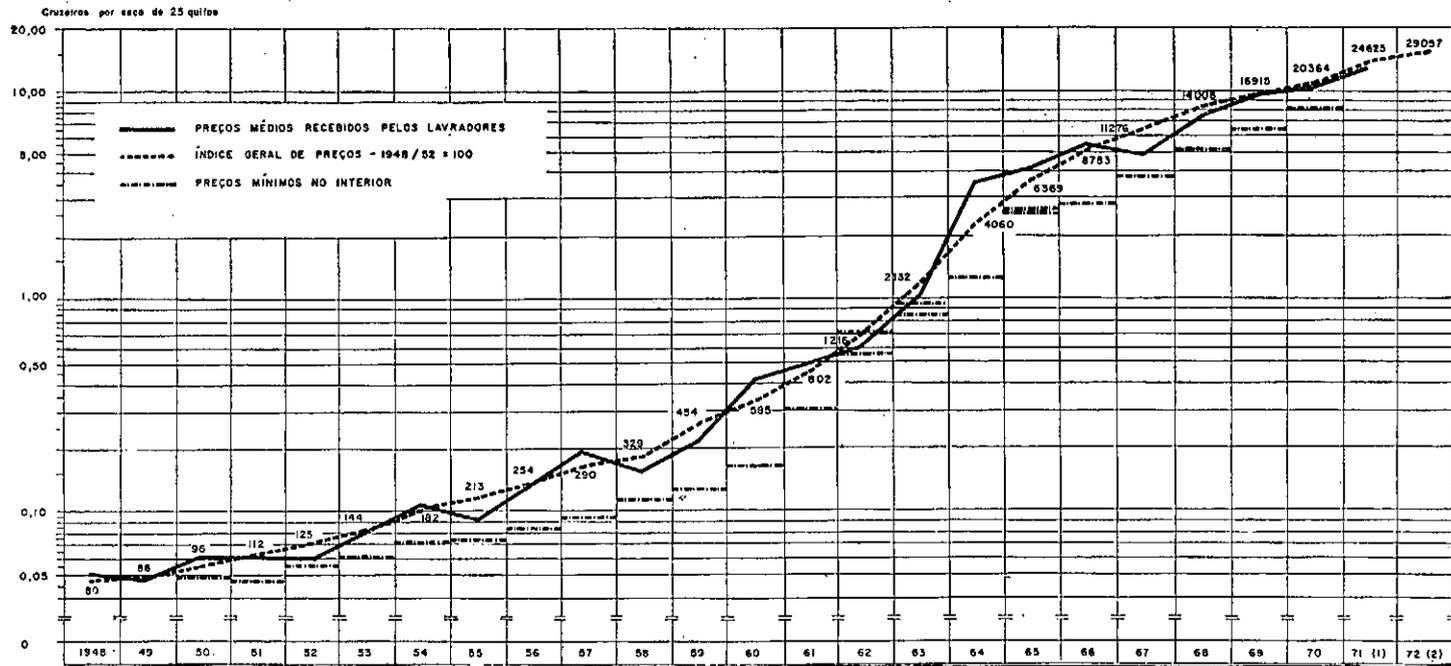
Período	Área plantada 1.000 ha	Produção 1.000 sacos 25kg em casca	Rendimento agrícola kg/ha	Preço médio recebido pelos lavradores		Índice geral de preço no Brasil <sup>(1)</sup> (b)	a/b x 100
				Preço corrente Cr\$/25 kg	Índices (a)		
1948-52	152	6.352	1.050	0,06	100	100	100
1953-57	152	6.724	1.110	0,13	217	217	100
1958-62	338	16.598	1.230	0,40	666	678	96
1960	295	14.500	1.230	0,44	733	585	125
1961	427	18.600	1.090	0,52	867	802	108
1962	479	21.800	1.140	0,65	1.083	1.216	89
1963	382	19.200	1.260	1,05	1.750	2.132	83
1964	409	15.300	940	3,73	6.217	4.060	153
1965	414	24.000	1.450	4,16	6.933	6.369	109
1966	482	26.700	1.390	5,35	8.917	8.783	101
1967	552	19.650	890	4,85	8.083	11.276	72
1968	390	21.500	1.380	7,46	12.433	14.006	89
1969	474	21.300	1.120	9,32	15.533	16.915	92
1970	448	24.800	1.380	10,36	17.266	20.364	85
1971 <sup>(3)</sup>	506 <sup>(2)</sup>	25.250 <sup>(2)</sup>	1.250	14,43	24.050	24.625	98

(1) Índice "2" Nacional da Conjuntura Econômica.

(2) 4.ª previsão de safra (março 1971).

(3) Dados Preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.



Escala semi-logarítmica  
 FONTE: Instituto de Economia Agrícola - Secretaria da Agricultura

(1) PRELIMINAR  
 (2) PREVISÃO (admitindo-se 18% de inflação entre 1971 e 1972)

FIGURA 2. — Evolução dos Preços do Amendoim em Casca no Estado de São Paulo, 1948-72.

#### 4 — ARROZ

Como já foi dito, foi esta a lavoura que mais sofreu os efeitos das estiagens ocorridas no ano agrícola prestes a findar.

O baixíssimo rendimento de 744 kg/ha (ainda não confirmado definitivamente) conjugado com uma das menores áreas de plantio dos últimos anos (17% inferior à de 1969/70 e apenas 50% da semeadura em 1964) deu como resultado a menor safra de pelo menos os últimos 29 anos, que a tanto vão os registros disponíveis.

A propósito da orizicultura, sempre perfilhou-se o ponto de vista que a São Paulo não interessava o cultivo em larga escala desse produto no arriscado sistema de "sequeiro". Era mais proveitoso para o interesse geral, que o Estado continuasse a importar de regiões produtoras mais aptas ou com menores opções, o volume necessário à complementação do seu consumo.

Tal diretriz ainda que permaneça válida, deve entretanto ser aceita dentro de certos limites. O fato desta colheita corresponder apenas a 1/3 do consumo estadual e ter também ocorrido grande redução

na área de plantio e produção do Brasil-Central, deve servir de advertência no sentido de ser restabelecido um certo nível de produção, suficiente para evitar grandes problemas de abastecimento.

Ademais, as grandes regiões produtoras e vizinhas a São Paulo como o Sul de Goiás e o Triângulo Mineiro, que há anos atrás não dispunham de muitas opções de cultivo, estão hoje incrementando outras explorações como a do milho, soja e algodão. O plantio do arroz corre assim o risco de experimentar exagerada retração em todo o Brasil-Central, que é ainda e da longe, a mais importante região em volume de produção e consumo do País.

##### 4.1 — Perspectivas para o Próximo Plantio

Não obstante os elevados preços de mercado que em consequência da reduzida oferta têm vigorado neste ano, é difícil prever o comportamento do próximo plantio, já que os resultados da safra foram verdadeiramente desastrosos, reforçando o sentimento de que a orizicultura conduzida sob o sistema "de sequeiro" é uma verdadeira loteria.

QUADRO 6. — Evolução do Arroz em São Paulo

Período	Área plantada 1.000 ha	Produção 1.000 sacos 60kg em casca	Rendimento agrícola kg/ha	Preço médio recebido pelos lavradores		Índice geral de preço no Brasil <sup>(1)</sup> (b)	a/b x 100
				Preço corrente Cr\$ saco 60kg em casca	Índice (a)		
Média							
1948-52	495	11.759	1.430	0,15	100	100	100
1953-57	542	9.205	1.020	0,44	293	217	135
1958-62	574	10.840	1.130	1,25	833	678	123
Ano							
1960	573	11.000	1.150	0,84	560	585	96
1961	644	13.200	1.230	1,03	686	802	86
1962	508	10.200	1.200	2,91	1.940	1.216	159
1963	762	12.000	940	5,27	3.513	2.132	165
1964	1.108	15.000	810	6,57	4.380	4.060	108
1965	1.065	17.100	960	6,22	4.147	6.369	65
1966	702	9.600	820	14,92	9.947	8.783	113
1967	753	15.000	1.200	18,65	12.433	11.276	110
1968	881	10.600	720	22,50	15.000	14.006	107
1969	774	9.100	710	22,76	15.173	16.915	90
1970	637	13.000	1.230	21,70	14.466	20.364	71
1971 <sup>(3)</sup>	557 <sup>(2)</sup>	6.900 <sup>(2)</sup>	740 <sup>(2)</sup>	36,04	24.06	24.625	98

(1) Índice "2" Nacional da Conjuntura Econômica.

(2) 4.ª previsão de safra (margem 1971).

(3) Dados Preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

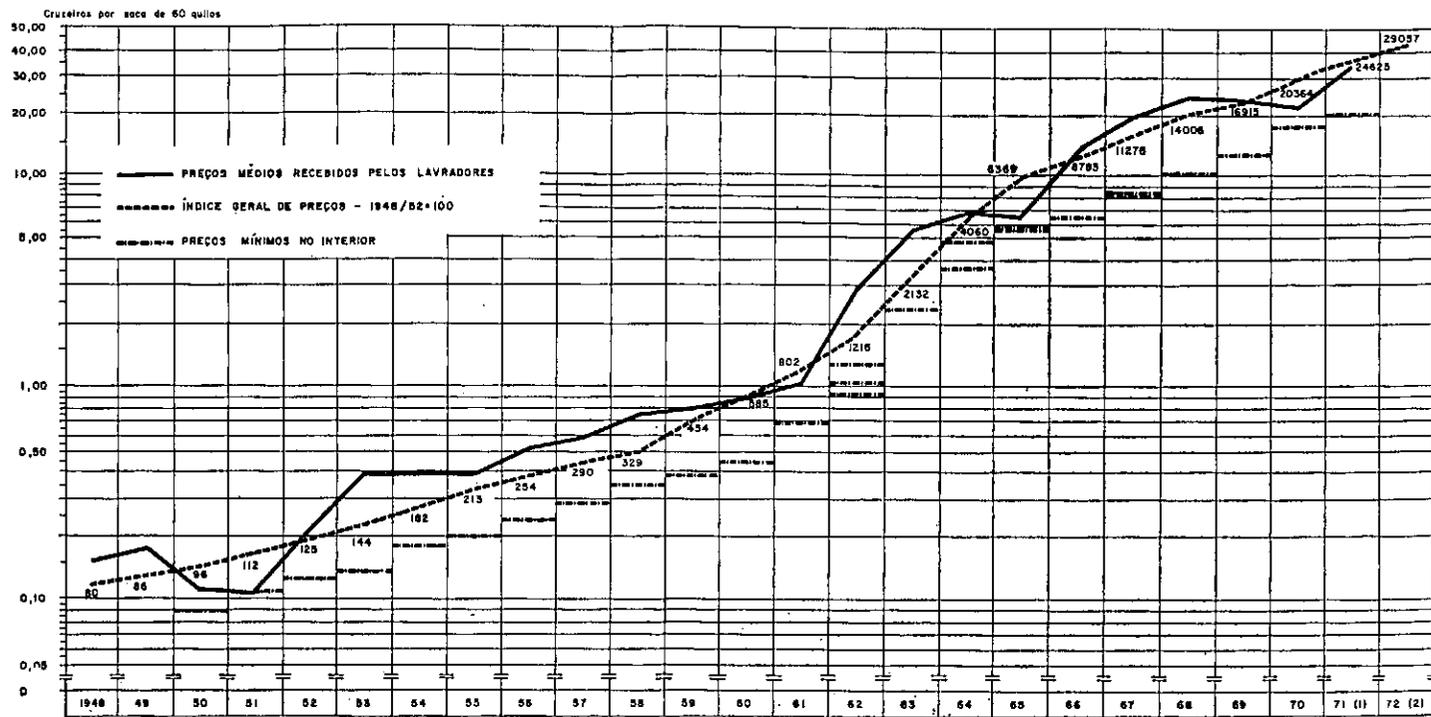


FIGURA 3. — Evolução dos Preços do Arroz em Casca no Estado de São Paulo, 1948-72.

Todavia, como a área semeada em 1970/71 foi das menores deste último ano, é possível que ela se mantenha no Estado. Se houver ampliação, provavelmente não atingirá a 5%.

Nas regiões vizinhas do Brasil-Central, o mais certo parece ser o de contar-se com redução, pois além das enormes quedas de rendimento verificadas em 1969/70, não se pode ignorar o avanço da soja, milho e algodão nessas Zonas.

#### 4.2 — Critérios

Em decorrência das vicissitudes porque atravessou a corrente safra, os preços de mercado afastaram-se em demasia dos níveis de garantia, que aliás, não eram excessivamente baixos. O fato entretanto, é que a defasagem atual está a exigir novas bases para a determinação dos preços mínimos de garantia.

Com isso em vista, propõe-se que seja adotado o preço médio deste ano, dele deduzindo-se 20% a título de margem de segurança. Esclareça-se que a tendência desse preço médio recebido pelos lavradores é ainda a de alta. Com base nos dados até agora existentes, está ele estimado em Cr\$ 36,04.

Com a margem de garantia acima citada, chega-se ao preço de Cr\$ 28,83 que pode ser arredondado para Cr\$ 29,00.

A base de Cr\$ 29,00 acima encontrada e que deverá sofrer pequenas variações para o atendimento das diferentes regiões, em que é dividido o Estado para efeitos de garantia de preços, refere-se ao saco de 60 quilos de arroz em casca, grãos médios, tipos 1 e 2, livre ao produtor e posto no interior do Estado.

#### 5 — FELJÃO

A safra "das águas" deste produto foi muito afetada pela estiagem e ondas de frio verificadas em fins do ano passado, oferecendo rendimentos físicos muito maus. A safra "da seca", entretanto e a julgar pelas estimativas ainda provisórias, foi muito boa para as condições atuais da cultura no Estado, apresentando um rendimento 33% melhor que a correspondente safra do ano anterior.

No conjunto, as duas colheitas deste ano apresentam resultados ligeiramente superiores aos obtidos em 1969/70, pois com uma área inferior em 4% proporcionaram um volume de produção 3% maior. Se-

QUADRO 7. — Evolução do Feijão em São Paulo

Período	Área plantada 1.000 ha	Produção 1.000 sacos 60kg em casca	Rendimento agrícola kg/ha	Preço médio recebido pelos lavradores		Índice geral de preço no Brasil (a) (b)	a/b x 100
				Preço corrente Cr\$ saco 60kg em casca	Índice (a)		
Média							
1948-52	209	2.274	650	0,16	100	100	100
1953-57	277	2.031	440	0,49	306	217	141
1958-62	357	2.392	400	2,11	1.319	678	195
Ano							
1960	448	3.260	440	1,34	838	585	143
1961	356	2.320	390	1,51	944	802	118
1962	358	1.940	320	5,19	3.244	1.216	266
1963	387	2.680	420	5,62	3.512	2.132	165
1964	386	2.470	380	7,25	4.531	4.060	112
1965	330	3.150	570	10,37	6.481	6.369	102
1966	322	2.508	470	25,46	15.912	8.783	181
1967	370	2.700	440	18,71	11.694	11.276	104
1968	225	1.955	520	23,42	14.637	14.006	104
1969	235	1.320	340	56,13	35.081	16.915	207
1970	285	2.330	490	47,23	29.519	20.364	145
1971 <sup>(3)</sup>	724 <sup>(2)</sup>	2.400 <sup>(2)</sup>	530 <sup>(2)</sup>	58,00	36.250	24.625	147

(1) Índice "2" Nacional da Conjuntura Econômica.

(2) 4.ª previsão de safra (março 1971).

(3) Dados Preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

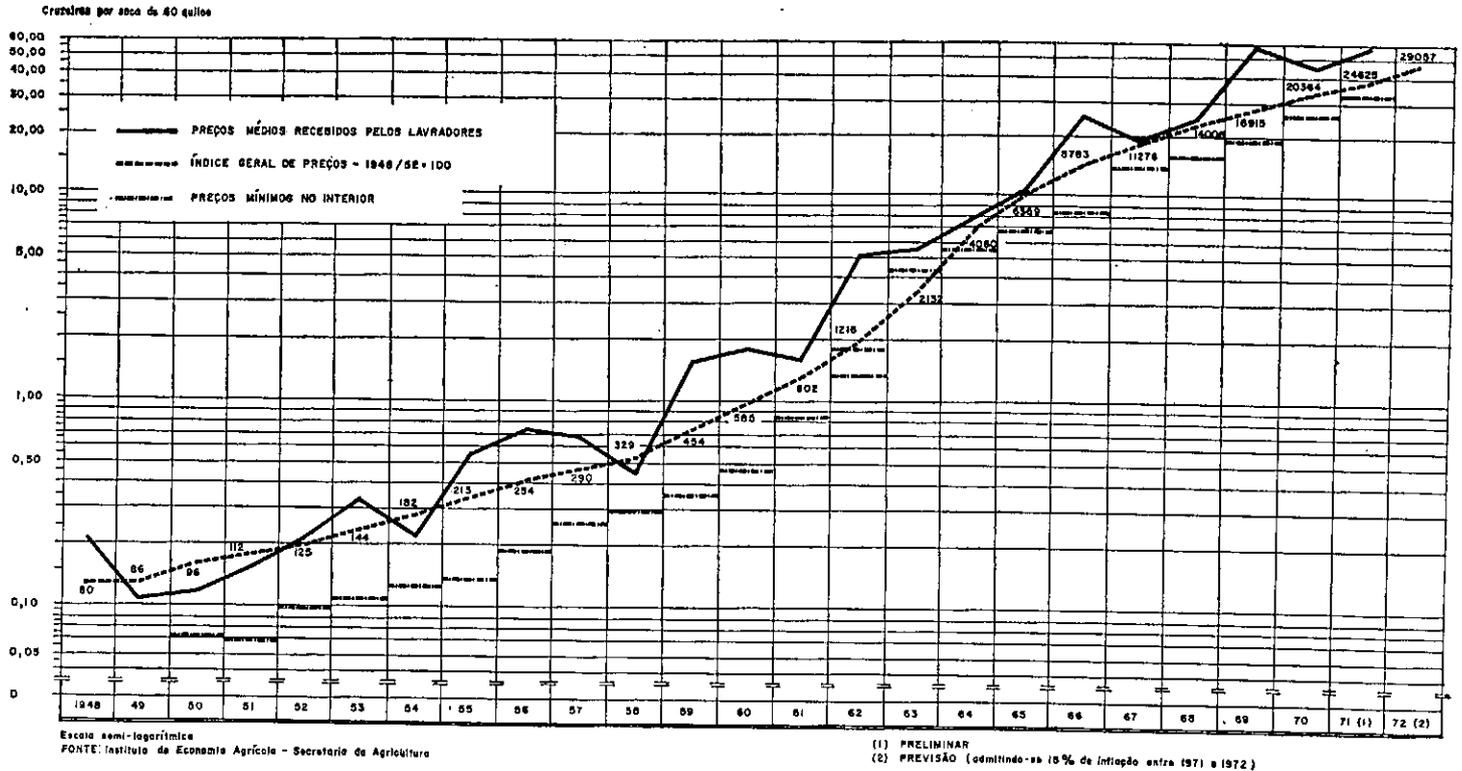


FIGURA 4. — Evolução dos Preços do Feijão no Estado de São Paulo, 1948-72.

ja como fôr, a produção de feijão em São Paulo permanece muito pequena em relação às necessidades do seu consumo (cêrca de 1/3 dêste é atendido por produção própria) e os graves problemas de ordem tecnológica e de estrutura econômica, com que a mesma se defronta, permanecem sem modificações sensíveis.

#### 5.1 — Perspectivas para o Próximo Plantio

Dado o atraso em que é conduzida esta cultura em São Paulo e os grandes problemas que enfrenta (deficiência de boas sementes, excesso de variedades cultivadas, infestação de doenças, maus tratos culturais, comercialização retrógrada etc.) nada ou quase nada se pode dizer com relação à magnitude do próximo plantio. É bem verdade, que os preços de mercado estão relativamente altos, mas a reação da próxima área de plantio a êsses preços é difícil de ser estimada e há ainda que contar-se com certa competição da soja, em fase de rápida expansão. Talvez seja lícito admitir-se uma pequena expansão, situada entre 5 a 10% sôbre a mesma safra "das águas" de 1970/71.

Quanto às regiões produtoras dos Estados vizinhos, as informações são ainda mais precárias, mas ao que se diz, o plantio da soja deverá ter alguma influência no Paraná e Triângulo Mineiro, a dano do feijão.

#### 5.2 — Critérios

De modo semelhante ao do arroz, apesar dos preços mínimos da corrente safra não terem sido baixos, mormente em relação aos custos de produção, o avanço dos preços tirou-lhes todo o sentido. Há por conseguinte necessidade de recorrer-se à média dos preços recebidos pelos produtores reservando-se a quota de garantia de 20% de forma idêntica ao proposto para o arroz. A média acima mencionada e de acôrdo com os elementos informativos até agora disponíveis é de Cr\$ 58,00. Deduzindo-se os 20% a título de fator de segurança para o órgão responsável pela garantia de preços, chega-se ao nível de Cr\$ 46,40 que pode ser arredondado para Cr\$ 45,00. Êste último preço, representaria a média das bases de garantia para as diversas regiões produtoras do Estado e refere-se ao volume de 60 quilos, dos feijões de côres, tipo "3", posto no interior do Estado e livre ao produtor.

Esta foi das culturas que bastante se ressentiu com as estiagens e temperaturas excessivas, que predominaram por longo tempo durante o período de crescimento vegetativo da planta. Graças, entretanto a uma superfície de plantio que superou a anterior em cerca de 15%, constituindo-se na maior área jamais plantada com este cereal em São Paulo e também ao fato de haver lavouras que produziram muito bem, pois andaram se beneficiando das chuvas de manga, o volume produzido ainda foi bastante volumoso.

Quanto à doença "Helminthosporium maydis-T", que provocou grandes prejuízos em algumas regiões do Paraná, seus efeitos foram menos severos em São Paulo (ao que se diz, em razão mesmo da seca) trazendo no entanto grandes implicações ao suprimento de sementes destinadas à semeadura para 1971/72.

#### 6.1 — Perspectivas para o Próximo Plantio

O milho é exploração que nos últimos anos vem apresentando grandes progressos no Estado. Este progresso atinge não só a fase de produção

onde o uso de sementes selecionadas, adubos e os tratos culturais etc. avançam rapidamente, como a industrialização do produto (fábricas de rações, extração de amido e óleo etc.) e a própria comercialização (movimentação a granel, exportações e outros aspectos) fazem progressos consideráveis. Pode-se afirmar sem receio de êrros que a economia do milho é presentemente um dos mais avançados setores agrícolas do Estado.

Nessas condições é difícil saber até que ponto os produtores reagirão à substituição de boa parcela de sementes altamente produtivas, mas susceptíveis ao *Helminthosporium*, por outras que embora selecionadas e boas, são, certamente, menos produtivas.

Ao que parece, a evolução dos preços daqui até a época da semeadura irá exercer decisiva influência na extensão da próxima área de cultivo.

De qualquer forma, não se pode, dada a considerável área do último plantio, contar-se com grandes expansões percentuais dessa superfície, já que um aumento digamos de 6% na mesma, iria corresponder a mais de 100 mil hectares, superfície esta equivalente à ocupada pela mandioca.

No balanço dos prós e contras, a tendência parece pen-der para a manutenção e até ligeiro aumento de área.

Quanto aos Estados vizinhos, não se dispõe de informações que autorizem qualquer prognóstico mas é possível que haja alguma recessão no Paraná, face às dificuldades no suprimento de sementes e ao avanço do binômio soja-trigo.

#### 6.2 — Critério

Tratando-se de produto que sob inúmeros aspectos é hoje o mais importante do País (até mesmo no valor das exportações, a do milho já começa a se aproximar à do açúcar e do algodão) é evidente que todos os esforços devem ser envidados no sentido de manter a atual importância da cultura e assegurar condições para a continuidade do progresso que vem a mesma apresentando.

As bases dos preços de garantia em 1970/71 foram boas, talvez mesmo melhor que para qualquer outro produto. No caso, a extensão da taxa adotada para a desvalorização da moeda talvez viesse atender às finalidades propostas.

Existem entretanto alguns elementos de incerteza que dificultam a decisão acima. Entre eles, cumpre citar:

- a) A comercialização da safra, por efeito das chuvas tardias e outros fatores, bastante atrasada, o que vem trazendo empecilhos para as estimativas do comportamento dos preços e do próprio volume final da safra;
- b) As dificuldades no suprimento das sementes está acarretando grande aumento nos preços das mesmas e isto poderá constituir fator de desânimo para certa parcela de produtores;
- c) Os preços internacionais do produto acham-se em alta. Assim, é possível que à época da semeadura os preços de mercado estejam em níveis bem superiores aos atuais, fazendo com que o preço mínimo determinado pelo sistema proposto se revele muito inferior àqueles e portanto inefetivo.

A vista do exposto, propõe-se que se faça incidir os 18% de taxa inflacionária não sobre a média dos

preços mínimos vigentes para as diversas regiões do Estado, mas sim sobre aquele que vigorava para a região que desfrutava de maior dêes (Zona 13) e que era de Cr\$ 11,56. Assim fazendo, chega-se à base de Cr\$ 13,64 que pode ser arredondada para Cr\$ 13,70. A título de ilustração registre-se que o preço médio na corrente safra está estimado, com

base nos elementos até aqui disponíveis, em Cr\$ 13,73.

O preço básico de Cr\$ 13,70 e que deverá sofrer pequenas variações de conformidade com as regiões produtoras em que é dividido o Estado, refere-se à saca de 60 quilos, da classe mole ou mista, tipo "3", livre ao produtor e colocada no interior do Estado.

O cálculo apresentado no quadro 8, permite avaliar a equivalência entre o preço internacional de exportação e o correspondente preço que o produtor poderá receber.

QUADRO 8. — Correspondência entre o Preço FOB — Santos do Milho e o Preço no Interior do Estado (1)

Item	Cr\$/sc de 60 kg
1 — Valor correspondente	20,81
2 — Despesas de exportação	2,40
3 — Valor do milho, livre de despesas de exportação, posto em Santos	18,41
4 — Despesas administrativas e financeiras	0,90
5 — Despesas no interior:	
5.1 — Frete ferroviário (Ribeirão Preto-Santos)	1,57
5.2 — Preparo do milho nos armazéns da CEAGESP (recebimento, limpeza, secagem, estocagem, depósito durante um mês, seguro e embarque)	0,30
6 — Valor do milho, posto cidade de Ribeirão Preto, livre de ICM e a granel	15,64

(1) O preço de venda do milho foi considerado como sendo US\$ 60,00/t e a taxa cambial como US\$ 1,00 = Cr\$ 5,78.

QUADRO 9. — Evolução do Milho em São Paulo

Período	Área plantada 1.000 ha	Produção 1.000 sacos 60kg em casca	Rendimento agrícola kg/ha	Preço médio recebido pelos lavradores		Índice geral de preço no Brasil <sup>(1)</sup> (b)	a/b x 100
				Preço corrente Cr\$/60 kg	Índice (a)		
Média							
1948-52	804	18.047	1.350	0,08	100	100	100
1953-57	1.085	19.655	1.090	0,13	162	217	75
1958-62	1.189	28.100	1.420	0,55	688	678	101
Ano							
1960	1.324	29.000	1.310	0,36	450	585	77
1961	1.186	29.400	1.490	0,72	900	802	112
1962	1.331	36.900	1.660	1,00	1.250	1.216	103
1963	1.573	44.800	1.710	1,28	1.600	2.132	75
1964	1.263	23.600	1.120	3,15	3.938	4.060	97
1965	1.396	40.800	1.750	3,79	4.738	6.369	74
1966	1.367	41.500	1.820	5,55	6.938	8.783	79
1967	1.476	44.000	1.790	6,25	7.812	11.276	69
1968	1.573	42.500	1.620	6,60	8.250	14.006	59
1969	1.246	29.000	1.400	11,05	13.812	16.915	82
1970	1.476	47.000	1.910	11,26	14.074	20.364	69
1971 <sup>(3)</sup>	1.964	51.000 <sup>(2)</sup>	1.810	13,73	17.161	24.625	70

(1) Índice "2" Nacional da Conjuntura Econômica.

(2) 4.ª previsão de safra (março 1971).

(3) Dados Preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

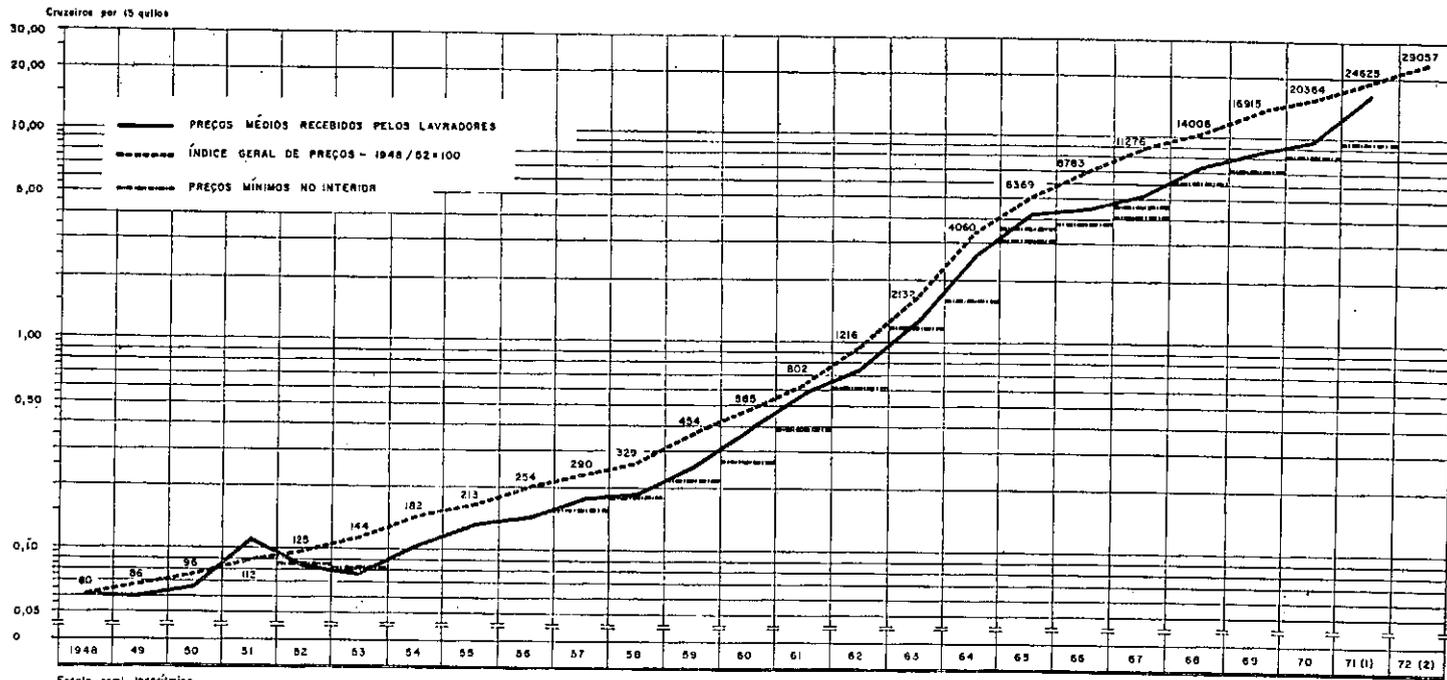


FIGURA 5. — Evolução dos Preços do Milho no Estado de São Paulo, 1948-72.

## 7 — SUBPRODUTOS DA MANDIOCA

A mandioca, produto de muito maior importância que as atenções que costuma despertar entre nossas autoridades responsáveis pelo desenvolvimento agrícola, permaneceu praticamente esquecida no referente aos preços mínimos em 1970/71. Com efeito, êstes não chegaram a 50% dos preços de mercado e presentemente não atingem 25%.

Cumprir ter em mente que a importância da mandioca é, embora em menores proporções, semelhante à da milho como infraestrutura de sustentação de inúmeros setores agropecuários. Ademais, os progressos que vem fazendo sua economia são alentadores, merecendo destaque o setor de exportação, no qual dispõe de amplo potencial. Nesta última safra, êsse produto ocupou uma área de plantio 10% inferior à passada tendo o volume de produção registrado queda menor (6,5%).

Essa menor produção aliada à seca no Nordeste, que voltou-se para a aquisição do produto no Sul, deu como resultado uma grande elevação nos preços de todos os subprodutos da mandioca.

### 7.1 — Perspectivas para o Próximo Plantio

Ainda que sejam insuficientes as informações disponíveis, pode-se admitir que os atuais preços deverão influir no sentido do aumento do plantio, o qual, não deverá ser inferior a 10%.

### 7.2 — Critério

A enorme disparidade entre as bases de preços mínimos aprovadas em 1970/71 e os preços de mercado, tornam extremamente difícil a admissão das quotas para ponto de partida de qualquer cálculo.

A vista do exposto, propõe-se que seja tomado o preço médio verificado até o presente mês (julho) neste ano, dêle deduzindo-se 20% como margem de garantia, sendo o resultado considerado como base que deveria sofrer as necessárias variações para fins de adequação às diversas zonas em que foi dividido o Estado.

Tal base que seria de Cr\$ 21,00 refere-se à farinha de mandioca tipo "1" acondicionada em sacos de 50 quilos, posta no interior do Estado e livre ao produtor.

Quanto aos demais subprodutos (raspa, farinha de ras-

pa, amido ou fécula) os preços de garantia guardariam as mesmas relações porcentuais de anos precedentes.

## 8 — SOJA

Este produto, cuja lavoura vem experimentando, ainda que em menor escala que no Paraná; rapidíssima expansão no Estado, passou por uma verdadeira "prova de fogo" ou, mais propriamente "prova de estiação", em 1970/71. Momentos houve em que se pensou terem sido totais os prejuízos causados pela seca. No entanto, com a volta das chuvas, a resistência da planta mostrou-se muito maior que aquela demonstrada por sua aparência.

Assim mesmo, os prejuízos foram pesados, refletindo-se numa queda de rendimento unitário superior a 28%. O aumento 29% na superfície de plantio compensou em termos de volume de produção aquela queda.

### 8.1 — Perspectivas para o Próximo Plantio

Apesar das vicissitudes acima relatadas é certo que esta exploração continuará a ser a que mais interesse vem despertando entre os agricultores paulistas, podendo-se prever

seguro aumento da próxima área semeada, o qual deverá situar-se ao redor de 20% ou mais.

### 8.2 — Critérios

No caso deste produto, também as bases de preços mínimos em 1970/71 ficaram muito distanciadas dos preços de mercado, não obstante neste caso não ter ocorrido redução da oferta, que ao contrário aumentou substancialmente quando se considera a produção dos estados situados ao Sul de S. Paulo.

A vista dessas considerações sugere-se adotar o mesmo critério indicado para os subprodutos da mandioca.

Tomando-se portanto 80% do preço médio recebido pelos lavradores chega-se à base de Cr\$ 24,00 que no caso, pode sofrer arredondamento para Cr\$ 25,00.

Não havendo divisões em zonas para efeito de garantia de preços à soja, tal base se entende para o saco de 60 quilos, posto no interior e livre ao produtor.

Uma idéia entre o preço de exportação do produto e o preço que o produtor poderá receber no interior do Estado, dada pelo quadro seguinte.

QUADRO 10. — Correspondência entre o Preço FOB — Santos e o Preço da Soja no Interior do Estado

Item	Preço de venda: US\$ 110/t Taxa cambial: US\$ 1.00 = Cr\$ 5,78	Cr\$/t	Cr\$/saco 60 kg
1 — Valor Correspondente		635,80	
2 — Despesas de Exportação		55,00	
3 — Valor da Soja, livre de despesas de exportação, posto em Santos		580,80	34,85
4 — Despesas administrativas e financeiras			0,90
5 — Frete ferroviários (S. Joaquim da Barra/Santos)			1,80
6 — Valor da soja posto cidade de São Joaquim da Barra, livre ICM, granel			32,15

## 9 — Mamona

Na temporada de 1970/71, a cultura da mamona em S Paulo abrangeu uma área 14% inferior à precedente em volume de produção ainda menor (17%). As bases de preços mínimos adotadas foram boas, porém as condições da cultura em S. Paulo tornam-na pouco habilitada a responder pronta e eficientemente a certos incentivos.

### 9.1 — Critérios

Para o caso dêste produto e à vista do exposto sugere-se que para a safra de 1971/72 adote-se o mesmo preço atual corrigido pela taxa de 18% correspondente à inflação calculada. Como base ter-se-ia por-

às zonas em que foi dividido o Estado. Tal preço se refere ao saco de 50 quilos que é a unidade utilizada em São Paulo, colocado no interior e livre ao produtor.

## 10 — Sorgo

Com base em informações verbais de que o órgão responsável pela execução da garantia de preços estaria contemplando a possibilidade de estender a êste produto os benefícios daquela garantia, manifesta-se aqui o total apoio a essa iniciativa. Isto, não só por se tratar de produto importantíssimo e que se apresenta com amplas possibilidades para muitas regiões do País, como pelo fato de já estar sua cul-

tura sendo experimentada entre nós e obtendo ótima receptividade.

Caso seja tomada decisão positiva a respeito deste assunto, sugere-se que a base do preço de garantia seja equivalente a 80% daquela do milho, correspondente aproximadamente ao valor comercial (e ao que parece também alimentício) deste cereal. A adoção

da porcentagem acima resultaria no preço de Cr\$ 10,96 que pode ser arredondado para Cr\$ 11,00 por saco de 60 quilos, colocado no interior do Estado e livre ao produtor.

Com base no projeto de classificação deste produto, que a título de sugestão se permite anexar ao presente, o preço acima estaria vinculado ao tipo "3".

QUADRO 11. — Preços Mínimos

Produto	Unidade	Em Cr\$/ por unidade		Preços Médios recebidos pelos lavradores junho de 1971
		Aprovados em 1971/72	Proposto para 1971/72	
Algodão em caroço	15kg	10,50	15,00	14,82
Amendoim em casca	25kg	10,00	14,00	14,13
Arroz em casca	60kg	20,00	29,00	40,72
Feijão de côres	60kg	31,45	45,00	58,86
Milho	60kg	11,00	13,70	13,70
Farinha de mandioca	50kg	7,12	21,00	30,00
Mamona	50kg	16,70	23,60	23,00
Soja	50kg	16,85	25,00	30,93
Sorgo	50kg	—	11,00	—